EXPEDIENTE.

—Tivemos a satisfação de receber a carta, com que nos honrou o Sr. Dr. José Feliciano de Castilho e d'ella faremos uso mui proveitoso para a importante questão da — propriedade litteraria. Ainda que estas linhas, por nenhum modo nos dispensem de devidamente retribuir as delicadas e lisongeiras expressões do Sr. Castilho, não podemos deixar de consignar aqui este agradecimento, como um bom agoiro para as futuras relações litterarias, que se devem estabelecer entre o Brazil e Portugal.

— A memoria sobre a Provincia de Cabo Verde, pelo Sr. D. Antonio de Almeida, mui brevemente começará a ser publicada.

— Não nos foi possivel hoje, por falta de espaço, publicar os artigos que escrevemos, sobre o Iris, e sobre a primorosa exposição que das suas pinturas fez o Sr. Metrass.

— A Carta do Sr. Gouvêa terá a resposta que o seu auctor deseja. Agradecemos-lhe as expressões que nos dirige e esperamos continuar a receber provas da consideração que tivemos a fortuna de lhe merecer.

Publicações recebidas: — *Relatorio sobre o Cadastro*, pelo Conselheiro Ministro e Secretario d'Estado Honorario Antonio José d'Avila. — Lisboa, na Imprensa Nacional — 1848.

Plano Geral da Instrucção Publica nos Estados Portuguezes da India, precedido de uma exposição, em que se appresenta o quadro historico dos institutos do ensino que ahi existem, comparando-os com os que a elles se tem mandado substituir, o methodo pelo qual se deve proceder á sua reforma e organisação, por Antonio Caetano Pacheco.

A Lyra, jornal de poesias, publicado no Porto, n.os 3 e 4.

Reflexões ácerca dos prejuizos que resultariam ao Thesouro, e a seus credores, alterando se as disposições do decreto de 9 de dezembro de 1847, que fixou o valor das Notas do Banco de Lisboa, pelo seu preço, no mercado, pelo Conselheiro M. M. Franzini, Ministro de Estado Honorario. Vende-se na Rua Augusta n.° 8.

Jornal da Sociedade Catholica n.° 9. Contém um excellente artigo ácerca da Ascensão do Senhor, escripto pelo Sr. F. R. S. Malhão. Alegra se-nos a alma sempre que vemos escrever assim em taes materias.

Revista Popular n.° 16, com duas estampas, contém varios artigos interessantes.

Conta da Commissão do Recolhimento de Nossa Senhora das Dores e S. José da cidade do Porto, desde o 1.° de setembro de 1847 até 29 de fevereiro de 1848. Folgâmos de que esta, e outras offertas, que nos vão fazendo, próvem, que se começa a compreender, que a Revista estima muito a posse d'estes documentos.

Archivo Portuguez n.° 5, com uma estampa.

Iris, periodico de Religião, Bellas Artes, Sciencias, Letras, Historia, Poesia, Romance, Noticias e Variedades, collaborado por muitos homens de letras, e redigido pelo Sr. Dr. José Feliciano de Castilho Barreto n.os 1 a 5 — publica-se no Rio de Janeiro duas vezes por semana. Em Lisboa recebem-se assignaturas na Rua Augusta n.° 8.

CONHECIMENTOS UTEIS.

MOLESTIA DAS LARANJEIRAS.

Assim que publicámos o artigo do Sr. Albano da Silveira, ácerca da molestia das laranjeiras, logo nos pareceu conveniente chamar, sobre este importante ponto, a attenção das pessoas competentes.

Hoje que inserimos a carta, que, sobre o assumpto, nos escreveu o nosso estimavel amigo, o Sr. João Palha, de novo insistiremos na conveniencia de ampliar e continuar, pela imprensa, a ventilar esta discussão, que de tanto proveito póde ser, para um dos mais preciosos ramos da nossa agricultura.

A Revista póde honrar-se de ser o jornal, que mais se tem interessado sempre n'estas questões. Na vasta extensão de seis volumes consecutivos, os nossos agricultores teem encontrado bastas provas do quanto taes materias andaram sempre na parte mais essencial do plano d'este jornal.

Pela nossa parte não nos cançaremos de repetir o que mais de uma vez temos dito: — entre todas quantas communicações, que nos possam ser feitas, nenhumas presamos mais do que as que se referem á agricultura.

Aproveitamos ainda este ensejo para ver se podemos acabar com a indifferença, de que já nos queixámos, ao recordar — que nem todos os pedidos que, n'este sentido, temos feito, foram attendidos, como esperavamos, para bem d'esta nossa terra.

Tanto no artigo do Sr. Albano, como na carta do Sr. Palha, propoem-se alvitres e receitas para essa molestia, que annualmente vae empobrecendo uma parte avultada da nossa lavoira.

É mister que os lavradores, que os homens praticos se não acovardem com o receio de escrever. N'este ponto, diremos, como tantas vezes declarou o nosso respeitavel amigo, e fundador d'este jornal — « *escrevam o que souberem e como podérem, pois que por nossa conta correrá a fórma, em que as idéas se devam expôr.* »

O que nós desejamos são factos. Em quanto os agricultores se não deixarem d'esse receio, que faz com que não communiquem, pela imprensa, as suas opiniões, será impossivel, que, em seu proveito, se faça obra de vulto.

Esperamos que estas ponderações os convençam para que nos participem qualquer facto, que possa esclarecer este ponto, bem como qualquer re-

sultado que se tire da applicação das receitas contidas em ambos os artigos.

O nosso maior desejo é que, em relação a todas as questões, que se referem á agricultura, os nossos collaboradores ou leitores se empenhassem para que, na REVISTA, tomasse devida amplitude a discussão de todos os interesses agricolas.

—

(CARTA.)

Meu Bom Amigo.

491 Acabo de ler o n.° 25 da REVISTA UNIVERSAL, e muito prazer tive, vendo que a molestia, que tem atacado os nossos laranjaes, merece as attenções da imprensa.

É sem duvida digno de elogio o zelo do Sr. Albano da Silveira. Se o conhecesse pessoalmente, por certo lhe dirigia esta carta, pedindo lhe licença para lhe appresentar algumas observações sobre o assumpto: — não estando, porém, nas circumstancias de dever tomar esta liberdade, abuso da paciencia do meu amigo, e peço lhe que faça das minhas breves reflexões o uso que julgar conveniente.

Parece me que se intende, com maus fundamentos, que a molestia, que tantos estragos causou aos pomares dos Açores, principalmente aos de S. Miguel, é a mesma que, entre nós, já tem sido causa da ruina de alguns proprietarios, e origem de perdas consideraveis para outros

Nos Açores, dois males se appresentaram, quasi simultaneamente, destruindo pomares inteiros, com rapidez espantosa.

Appareceu primeiro a molestia, a que alli se deu o nome de *lagrima*, e depois a invasão do bicho, ou *cocus hesperidum*.

Chamaram lagrima ao primeiro mal, porque a arvore doente parecia chorar, encontrando se no tronco algumas bolhas em fórma de lagrima, como se vê nas arvores resinosas. As folhas amarelleciam, e as raizes mostravam completa putrefacção.

Do bicho ou *cocus* nada digo, porque as informações, que por vezes me teem sido dadas por um meu particular amigo da ilha de S. Miguel, são conformes ao que escreveu o Sr. Albano da Silveira.

Pelo que tenho visto e ouvido, o mal das nossas larangeiras, não procede de ser a arvore atacada pelo insecto, que appareceu nos Açores. Os simptomas da doença são inteiramente differentes. — Se examinando as arvores doentes encontrassemos as bolhas de que fallei, poderiamos imitar os michaelenses, e chamar ao mal, *doença de lagrima*; porque a amarellidão da folhagem e a damnificação das raizes, existem entre nós, como na ilha, quando alli se dá a tal molestia. A raiz, centro da vida da arvore, appresenta um tal apodrecimento, que apertando-a entre os dedos se desfaz, exhalando um terrivel cheiro.

A rama não mostra vestigios de ferrugem, nem de insecto algum, e por isso digo que não é o *cocus* No tronco, como disse, não se vê a *lagrima*: — parece pois que é uma terceira doença.

Infeliz do pomareiro, que vê a primeira arvore atacada por tão damnada molestia; porque corre grande risco de perder em breve o seu pomar, que, apezar da má quadra que vae correndo para o commercio, *e da terrivel concorrencia dos Açores*, ainda lhe dá os meios para viver, se não vida folgada, pelo menos vida economica, e lhe serve de encanto para os sentidos, e de enlêvo para a alma. É por certo a laranjeira uma das mais bellas arvores: — sempre donosa com sua folha verde-negra: — formosa no inverno, quando tudo é feio: carregada de seus fructos doirados; — e mais formosa ainda quando um manto de flores augmenta as suas gallas! E sendo tão rica de encantos, não tem o vicio das bellas; — não é desdenhosa e ingrata: — recompensa o homem do trabalho que tem de a tratar.

É bem triste, que em menos de cinco annos, tenhamos perdido muitas mil d'estas arvores!

Avalia-se já em mais de dez mil caixas o que a exportação tem perdido; — e calculando a 3$000 rs. o preço de cada caixa, teremos uma perda de rs. 30:000$000!

Faço este calculo porque os laranjaes que mais teem soffrido são os dos ribeiros de Barcarena e Carenque, de Loires e Tojal, de Ponte Pedrinha e Cascaes, e os da baixa do Rodisio, junto á Cruz Quebrada; e a fructa d'estes sitios é a que se exporta mais no tarde, e por isso tem melhor preço no mercado.

A molestia corre um pomar com uma rapidez incrivel; para exemplo direi, que ha tres para quatro annos, sendo Director de uma Companhia de exportação de fructas, comprei, ao Exm.° Sr. Visconde de Fonte Arcada, a fructa de um dos seus pomares, por 1:600$000 ou 1:800$000 rs A compra foi feita em janeiro, e quando mandei tirar a fructa já o pomar estava meio perdido, e no fim do verão já não existia!!

Dizem-me que a terra fica estragada por algum tempo, e que será inutil plantar novas arvores no logar das antigas; — e alguem me asseverou, que é de bom resultado, queimar a canna das faveiras, e lançar a cinza nas covas das arvores arrancadas. Parece que este adubo corrige o vicio, que a molestia deixa no solo.

Para debellar o mal, muitos remedios se teem tentado; mas os resultados, por ora, teem sido pouco lisongeiros.

Em S. Miguel, para atacar a doença da lagrima, oiço, que tractam logo de pôr a raiz no são, e renovam a terra. O tronco é caiado.

Ha tempos li tambem a receita seguinte:

Corta-se a casca affectada pela lagrima, e depois se lhe applica com um pincel, em quanto quente, um unguento composto de

Alcatrão	uma canada.
Breu	meio arratel.
Cebo	um dito.
Nitro ou salitre	duas onças.
Sabão molle	um arratel.

Derretem-se estas drogas, pulverisando-as por fim com salitre.

Bem bom seria, que alguem desse para a nossa doença conselho, que tivesse bom sucesso. Se alguma coisa tem tido algum resultado favoravel, tem sido a amputação das partes podres da raiz, quando o mal ainda está em principio.

Se o vicio da raiz é completo deve logo arrancar-se a arvore, e encher se a cova com mato a que se lance fogo.

Pessoa intendida disse-me, que havia tirado bom resultado, quando cortava as raizes podres, de applicar aos golpes ou incisões uma cataplasma composta de

Cal virgem. ..... partes eguaes.
Cinza ..... » »
Bosta de boi..... » »

Sinto muito não poder dizer mais nada sobre este importante assumpto. O que digo de pouco ou nada serve; mas mostra a minha boa vontade. Este reinosinho de 90 leguas, por mais que digam, ha-de ser sempre essencialmente agricola, e governantes e governados de tudo curamos, menos d'aquillo que mais interesse nos deveria dar! Acceitamos o que vem do céu, mas pouco fazemos. — Vae tudo ao acaso!

Ha mezes fallei na secretaria dos negocios do reino, para que se formasse uma commissão, que se occupasse especialmente d'estudar as causas da doença de que tenho fallado; e procurasse descobrir remedios para a combater. Responderam-me que o Governo tractava de colher todas as informações e que já tinha obtido muitas!

Era natural chamar o lente de botanica e o seu substituto, para formarem a tal commissão, com alguns proprietarios de provado zelo e intelligencia, e duas ou tres pessoas, das que por ahi ha, mais vistas nos estudos d'agronomia.

Não crimino ninguem, mas lamento, que neste sentido se não tenha feito alguma coisa.

Campo de Santa Apolonia 4 de Junho de 1848.

João Palha de Faria Lacerda.

CATHECISMO DO OPERARIO. *

IX.

Mais algumas palavras sobre a organisação do trabalho.

(Conclusão.)

492 Uma organisação geral do trabalho, visto que está adoptado esta expressão, não seria prudente, feita *à priori*, e moldada no estado actual das coisas. Ninguem possue actualmente a somma de conhecimentos indispensaveis para conceber um systema susceptivel de conciliar os interesses do trabalhador, a liberdade do trabalho, e as necessidades provindas da concorrencia estrangeira.

Um dos primeiros, dos mais seguros elementos desta organisação deve ser a associação; não a associação de utopia, e exposta de azares não calculados, mas a experimentada e sanccionada por factos conhecidos.

Ora, esta associação, praticada em varias localidades por algumas industrias particulares e em circumstancias especiaes, ainda não offerece exemplos assaz numerosos, nem bastantes applicações para ministrar esclarecimentos um tanto seguros.

As associações de operarios, sobre tudo entre si, teem sido mui raras, restrictas como estavam pela falta de amplitude que resultava das disposições do Codigo do Commercio.

Esperâmos que novas leis, para as quaes cooperarão tambem os operarios, dilatando convenientemente o circulo das liberdades, sem destruir as garantias, que devem desejar os associados, nem os interesses que se hão de ligar aos seus, permittirão que se multipliquem as experiencias, e se possam apreciar os seus resultados vantajosos.

Generalise-se, sobre tudo, a sabia e paternal instituição dos *expertos* ou peritos. Das suas actas, da totalidade de regulamentos que lhes fornecerem as associações, e que de futuro serão compilados, é que poderão saír mais tarde as bases seguras e racionaes de uma organisação geral, e primeiro que tudo á certeza da possibilidade ou impossibilidade de tal organisação.

Desconfiemos da muita pressa.

Apenas desponta a era nova: ainda não conta senão alguns dias de data; — e tão immensa tarefa não é obra de poucos dias.

Tenho ouvido dizer: — ha annos, ha seculos que se responde constantemente ao trabalhador, quando se queixa: esperae. É sempre a mesma linguagem: para que servem, pois, as revoluções? A fome não espera.

Bem comprehendo a impaciencia; é natural, mas desta vez é um tanto injusta.

Até agora os operarios eram excluidos inteiramente de tomar parte nos negocios publicos. As leis feitas para elles faziam-se sem a sua concorrencia; e podiam persuadir-se algumas vezes, com rasão ou sem ella, que eram feitas contra elles.

Agora não succede assim: deu-se um passo immenso para os justos melhoramentos que reclamam: terão desta vez quem os represente, serão seus proprios orgãos, e não póde suppor-se — a não julgar que se tornaram subitamente insensatos — que elles queiram atraiçoar os seus interesses legitimos. Elles farão, ou pelo menos ajudarão a fazer, senão quanto desejam, ao menos quanto actualmente é possivel.

O homem mais exigente póde pedir mais; e o mais esfaimado vê-se obrigado quando se mette o pão no forno a esperar que esteja cosido, e a contentar-se provisoriamente com a quantidade que o forno admitte.

Portanto, o essencial é que, gozando todos vós do direito de eleitor, mandeis á assembléa geral, e ás que depois se installarem em virtude da constituição, representantes que sáiam do vosso gremio.

Mandae homens bem conhecidos de vós, experimentados pela sua prudencia e bom conselho. Não careceis de declamações emphaticas; é coisa que não se come, não sustenta ninguem.

Idéas sãs, espirito de ordem e votos compactos para as apoiar, eis ahi o que dá trabalho e pão.

Operarios, entre vós ha mais homens do que os precisos para cumprir estas salutares condições; só vos resta a escolha; fazei-a com reflexão e madureza, e com a plena convicção das solidas qualidades desses em quem depositaes a vossa confiança.

* Vem do n.º 28.

QUADRO SUMMARIO DE TODOS OS MEIOS PROPOSTOS ATÉ 1846 PARA A CONSERVAÇÃO DAS MADEIRAS. *

493 1824 — Cox. Mixto de azeite de peixe, de resina e de enxofre. Saturação por camadas ou fricções.

1825 — Langton. Extracção por meio do vacuo, do ar contido nas madeiras quentes.

1826 — Newmarch. Mixto de oleo de linhaça, sulphato de ferro, verdete, arsenico, ou alumina. Cocção por espaço de tres a quatro horas.

1828 — Gossier. Dissolucções salinas, decompondo-se mutuamente, e deixando na madeira uma combinação insoluvel, por exemplo, chlorureto de calcium, sal de Glauber, ou sulphato de ferro. Immersões alternadas nas soluções dos ditos saes.

1829 — Carey. Mistura de sal marinho, pó de carvão, e oleo animal ou vegetal. Fura-se a madeira, introduz-se o mixto e tapam-se os buracos.

1831 — Bréant. Materias oleosas e resinosas, ou soluções de saes appropriados. A madeira é impregnada, por pressão, em cilindro vertical no estado natural, ou depois de se lhe haver extrahido o ar e a humidade. O esgotamento se opéra por meio de outro cilindro, que communica com o primeiro, e para o qual se conduz o vapor, que se condensa por meio de uma injecção de agua fria, e que faz as vezes de uma bomba, para formar o vacuo.

1832 — A madeira é exposta ao fumo produsido por madeiras verdes, que se queimam lentamente.

1832 — Kian. Solução de chlorido de mercurio. Immersão, e depois pressão.

1832 — Chevalier. Alcatrão e decocção de peciolos de tabaco. Unturas ou immersão.

1833 — Solução de resina em azeite de peixe. Unturas e fricções repetidas.

1833 — Solução de gomma elastica em varios oleos. Unturas e fricções repetidas.

1834 — Strutzki. Solução de sulphato de ferro. Unturas repetidas, ou introducção da madeira em camadas de pyrites de ferro.

1835 — Monteith. Agua de cal. Immersão.

1835 — Solução de resina em essencia de theribintina. Esfregações com esta solução quente.

1835 — Moll. Vapores de eupione e de créósóta. Exposição ao vapor, em vasos tapados e quentes.

1835 — Acido sulfurico concentrado. Untura para carbonisar a madeira á superficie.

1837 — Flocton. Essencia de alcatrão e pyrolignites de ferro. Immersão.

(*Continúa.*)

HISTORIA DOS PRODUCTOS CHIMICOS FULMINANTES POR MAC-CARTHY.

494

1676 — Basilio Valentim, faz a primeira descripção do processo empregado para preparar o oiro fulminante.

1769 — Bergman, estabelece a theoria d'este processo.

1785? — O Conde Fred. Stadion, prepara o chlorato de potassa.

1786 — Berthollet, confirma a theoria de Bergman, e a expõe mais claramente, fundando-se nas descobertas de Lavoisier.

1788 — Berthollet descobre a prata fulminante.

1800 — Edm. Davy, descobre a platina fulminante.

1800 (julho) — Eduardo Howard, descobre o mercurio fulminante.

1801 — Fourcroy, descobre o mercurio ammoniacal fulminante.

1802? — Courtois (o descobridor do iodo, a quem só agora se lembram de erigir uma estatua, depois de o terem deixado morrer em miseria) fez conhecer o iodureto d'azote, que detôna, apenas se lhe toca com a rama de uma penna.

1812 — Dulong, descobre o chlorurêto de azote.

1825 — Relatorio de MM. Aubert, Pellessier, e Gay-Lussac ácerca dos fulminatos (Annaes de chimica e physica tom XLII pag. 195.)

1833 — M. Braconnot, descobre a xiloidína.

1838 — M. Pelouse descobre a pyroxilina.

1840 — A piroxilína, conhecida vulgarmente pelos nomes de fulmi-algodão, e algodão polvora, eleva-se, e rivalisa com a velha polvora de Schwartz.

S.

MEIO DE AUGMENTAR A DURAÇÃO E SOLIDEZ DAS TELHAS.

495 Tomam-se as telhas, aquecem-se em fogo brando, e depois cobrem-se com uma ligeira camada de um mixto composto de alcatrão e cal.

Outro meio ha, porém mais dispendioso, que serve para o mesmo fim: — vem a ser — dar algumas demãos de alvaiade, desfeito, um pouco grosso, em oleo de linhaça sobre as telhas, e deixal-as secar bem. Este modo de enrijar as telhas pratica-se em muitas partes da Italia.

PARTE LITTERARIA.

O PRESO. *

XXVIII.

496 Vae partir um navio para o Porto.

Finalmente serei julgado.

Antes de expirar nesta cruz, que, ha tanto, me verga com o seu pêso, ainda me estava reservado mais um trance doloroso.

¡Santo Deus! Como é largo o caminho da amargura!

Tenho a cabeça perdida! Ando em um delirio continuado.

Não sei o que hei-de escrever.

Suffoca-me a dôr.

As lagrimas são raras, mas sem as sentir, vejo-as a saltar dos olhos. Parece que vem do fundo coração.

Se eu aqui tivera meu pae, ou alguem, que me entendesse, poderia acalmar esta afflicção, que se rebella contra o silencio a que me condemna a desgraçada posição em que estou.

* Vem do n.º 27.

* Vem do n.º 28.

Margarida ahi ficará sem amparo, e não haverá, nesta cidade tamanha, uma só alma que pense na misera que o amor endoideceu.

Aquella scena horrivel de hontem pareceu-me um fatal presentimento.

Foi um dia de profunda mágoa em todas as prisões.

Não tive animo para vêr nada.

Os sons agudos da campainha, que levavam no prestito, faziam-me lembrar a agonia desses infelizes, que se augmentaria ao passo que esses sons me pareciam mais brandos.

Sabia do seu crime. Conheci na casa forte a maldade daquelles corações; e, apezar disso, aterrava-me a idéa de que esses homens íam, por entre o povo, com o ferrete da infamia na fronte, e que cada passo que davam, os aproximava da morte!

Faltam-me as forças. Chego a ter medo, quando penso neste espectaculo tremendo em que a sociedade, com um assassinio legal, castiga esse assassinio que qualifica como crime.

Ai! o patibulo, levantado no meio dos homens, é uma prova solemne da fraqueza do seu poder!

Ha tantos seculos, ainda a civilisação não pôde passar para além dessa baliza fatal!

Toda a noite me andaram saltando na imaginação as differentes scenas do drama sanguinolento, que a cidade hontem presenceou.

E foi hoje que me deram a nova da partida do navio para o Porto!

Meu pae tambem já o sabia.

A tròco de algum dinheiro, pude esta manhã estar só com elle no quarto do juiz. Trabalhou muito para me consolar.

Desejava, em todo o dia, estar ouvindo a sua voz, cortada pelos soluços de um choro comprimido! Se a minha cabeça desfalecida encontrasse sempre, como esta manhã, aquelle peito amigo, onde eu escutava as palpitações de um coração, que bate ancioso pela minha sorte!..

Meu pae é para mim a imagem viva de Deus!

Só elle accredita na minha innocencia; só elle sabe regeitar a prova tão fallivel das circumstancias, que me condemnam para conhecer na minha vida e nas minhas palavras a prova plena da innocencia, em que estou.

Algumas pessoas, que me tem fallado varias vezes, fingem crêr no que lhes digo; — mas atravez das suas palavras mentidas, descubro a duvida, que escondem no fundo do coração.

Meu pae ainda esta manhã abriu os braços para ternamente me abraçar, e beijando-me as faces, que regava de lagrimas, dizia: «Filho, tem animo!.. nem só eu te creio innocente!.. os teus juizes hão-de ser humanos!»

Todas as suas palavras foram uma consolação vinda do céu.

O tempo, que hoje estive na sua companhia, poderia chamar-se breves momentos de ventura, se a pobreza, esse patrimonio da desgraça, não viesse dar logar ao trance mais angustiado da agonia, que ha dois annos estou padecendo.

Como havia de meu pae acompanhar-me para o Porto?

Eu estava inquieto por esse motivo.

Que havia de ser de mim sem meu pae?!

Chorava não só a minha desgraça, como tambem a triste sorte do mendigo, que teria de separar-se do seu filho querido, que ía para longe, sem protecção nem auxilio.

Se em Lisboa, me deixaram por tanto tempo esquecido dentro da enxovia, apezar de meu pae se andar arrastando aos pés de quantos poderiam valer-me, que será no Porto, onde não tenho ninguem que se interesse por mim!?

Meu pae ficou succumbido com estas reflexões. Por alguns instantes não me disse nada. Assustava-me o silencio: mas as palavras, com que o quebrou, revelaram-me até onde póde chegar o amor de um pae.

Depois de passear algum tempo pelo quarto, chegou-se a mim, e disse-me — «Socega, filho, irei comtigo.»

Parecia-me um sonho. Não podia acreditar como meu pae tivesse meios para fazer a viagem.

O amor de pae esclareceu-me todo o mysterio.

Declarou-me o segredo, que, ha tanto tempo, tinha para comigo.

Explicou-me essa esperança, em que tantas vezes me fallou.

Quem julgaria, que o mendigo abandonado, e que por essas ruas pedia o sustento de cada dia, tirava do que lhe era absolutamente indespensavel para viver, o que julgava preciso para um dia me acudir!?..

Ao contar-me como juntou esse dinheiro, tambem succumbiu como eu, e chorava que nem uma creança.

Muitos dias teve fome, e não se serviu do patrimonio que assim me andava formando.

Tenho presentes, como se as estivesse ouvindo, algumas das suas expressões.

Já o juiz nos batia á porta, para nos separar, quando elle me dizia — «Paulo, o meu thesoiro pouco mais terá do que o preciso para esta via-

gem; — mas partirei, porque tu, em verdade, não pódes ir sem mim. Pedirei no Porto, como aqui, e talvez, em menos tempo, e á custa de menores sacrificios, torne a juntar com que possa livrar-te de caíres logo na mendicidade assim que saíres, como espero, das portas da cadêa. Filho, assim como com pouco se junta alguma coisa, tambem com esse limitado peculio, se póde muitas vezes livrar um homem da miseria, firmando n'esses limitados meios a base do seu trabalho. »

Nunca me hei-de esquecer d'estes conselhos, ¿ Mas servir-me-hão elles?

Terei um dia a liberdade?!

Meu Deus! No valle de lagrimas, em que vivo, nem o futuro me resta; é triste e horrivel como o presente!...

(Continúa.)

S. JOÃO.

497 Salve, noite abençoada!
No mundo tão festejada,
Como outra alguma não é;
Vem; que a mocidade, o amor,
Prazer, belleza, — e até dôr,
Em ti poem segura fé.

No templo mil lumes,
Flores aos cardumes,
Sem conto, nem fim;
Os sinos tocando,
Os padres cantando;
Não ha festa assim.

Cá fóra o gaiteiro,
Viola e pandeiro,
Descanço não tem;
Uns saltam fogueiras,
Dão outros carreiras
A traz do seu bem.

Estallam nos ares,
De bombas milhares,
Com grande estridor;
O pinho crepita
C'o vento que agita
A chamma em redor.

Aqui os amantes
Em ternos descantes
Se exaltam ao céu;
Est'outro procura
Da sorte futura
Rasgar denso véu.

O nauta, — que á terra,
Votou crua guerra,
Para hoje aqui estar,
Na terra abhorrida,
Déra annos da vida
Passada no mar.

O velho curvado,
Dançando no prado,
Torna a ser rapaz;
Que fundas saudades
A estas edades.
Tal noite não traz!

Casadas, solteiras,
Beatas, loureiras,
O moiro, o christão,
Noite mais ditosa
Nenhum d'elles gosa,
Que a de S. João.

Salve, noite abençoada!
No mundo tão festejada,
Como outra alguma não é;
Vem; que a mocidade, o amor,
Prazer, belleza, — e até dôr,
Em ti poem segura fé.

Junho de 1848.

J. M. Campêlo.

COMPENDIO DE GRAMMATICA LATINA E PORTUGUEZA,

POR JOSÉ VICENTE GOMES DE MOURA, PROFESSOR JUBILADO NA CADEIRA DE HISTORIA UNIVERSAL E PORTUGUEZA DO REAL COLLEGIO DAS ARTES, HOJE LYCÊO DE COIMBRA. — QUINTA EDIÇÃO. — COIMBRA, NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE. — 1847.

498 É coisa muito para admirar, que, sendo a nação portugueza, se não a primeira, ao menos uma das que primeiro se deram ao estudo da lingua latina, sómente ha desenove annos possua um Compendio completo de sua grammatica, escripto em vulgar com simplicidade, methodo e clareza.

Todos sabem, que o *Novo Methodo*, e *Compendio* de Antonio Pereira de Figueiredo, e a *Grammatica da Lingua Latina* de Antonio Felix Mendes, eram os unicos Compendios ultimamente adoptados para uso das eschólas; e ninguem tambem ignora, dos que os lêram e estudaram, fallamos, que pela nimia extensão do primeiro (carregado de notas, aliás eruditissimas, porém impertinentes naquelle genero de escriptos), e extrema brevidade dos ultimos, nenhum d'estes livros tinha os dotes de um bom Compendio.

Em todos faltavam os elementos da grammatica portugueza, que n'elles se deviam achar reunidos, para facilitar nas eschólas o estudo da lingua materna; auctorisado pelo exemplo das nações mais cultas, antigas e modernas, e estreitamente ordenado por nossas leis. Em todos faltavam regras essenciaes de syntaxe, como são as de collocação das palavras e das orações, a noticia dos tropos e figuras, a arte metrica, a orthographia; em uma palavra, muitas doutrinas importantes, em que deviam ser bem instruidos os alumnos das eschólas de latinidade, forçados a supprir estas ommissões pela leitura de outros livros, publicados por outros escriptores, e por ventura por diverso desenho.

Já em 1823 havia o Sr. *José Vicente Gomes de Moura* notado estes e outros defeitos e irregularidades, e definido as condições, que se requeriam, para que qualquer Compendio de Grammatica Latina podesse ser ut

e commodo (1); mas de tantos professores insignes, que então havia por todo o reino, não appareceu um só, que trilhando a nova estrada, apontada por aquelle celebre humanista, ousasse fazer e publicar melhor obra. Triste fatalidade das nossas lettras! Havendo nós tido tantos varões distinctos nos diversos ramos d'ellas, poucos, e só de longe em longe, se têem aventurado a estampar suas lucubrações?

Correram desesseis annos, e o Sr. *José Vicente*, tendo já escripto quanto bastaria para illustrar os nomes de muitos homens, tomou ainda a seu cuidado a difficil empreza de organisar o tão desejado e necessario Compendio de Grammatica Latina e Portugueza; que veio a publicar em 1829, engastando mais esta pedra preciosa em seu diadema litterario.

Foi approvada pela resolução regia de 29 de janeiro do mesmo anno, e após dois annos repetida, e consideravelmente corrigida e melhorada a edição.

Este relevante serviço, e outros muitos que antes havia prestado, foram pagos em 1834 com a expropriação da sua cadeira de professor, e demissão dos importantes cargos litterarios, que exercia! E ainda para cumulo de ingratidões e despresos reimprimiram este seu Compendio, sem o consultarem (residindo em Poyares, a quatro leguas de Coimbra), para vêr se queria fazer-lhe alguns retoques; pois muito bem conhece o Sr. *José Vicente*, que os Compendios pódem e devem sempre melhorar-se nas reimpressões, porque o aperfeiçoamento do ensino dahi depende, e o progresso do espirito humano assim o exige.

Temos grande satisfação de havermos denunciado esta injuria, e cremos firmemente, que, a não ser o nosso sincero zelo pelo renome do eximio professor (2), mais vezes se reimprimiria o Compendio sem as correcções e acrescentamentos, com que em 1844 e no anno passado se publicou.

Nesta accuradissima edição além dos uteis retoques, que o Sr. José Vicente fez no todo da obra, reuniu no couce d'ella, em forma de notas, alguns logares, cujo conhecimento não é urgente nos primeiros tempos do estudo, notando no texto em caracter menor outros, que por ventura se poderão tambem reservar para os alumnos mais adiantados.

Tambem accrescentou algumas doutrinas de evidente utilidade para os alumnos, quando passam a lêr os poetas mais difficeis, onde se acham palavras, fórmas de palavras, significações e figuras assim de syntaxe, como de palavras, nunca ou pouco usadas nos escriptores de prosa, e em cujo uso consiste a *Grammatica Poetica*.

Podemos pois gloriar-nos de possuir um *Compendio de Grammatica Latina e Portugueza* completo a todos os respeitos. Dilate Deus a vida de seu auctor, para que em futuras edições, que muitas lhe agoiramos, o aperfeiçoe ainda mais, e mormente para que leve ao cabo a grandiosa empreza, em que ao presente se acha empenhado. (3)

F. A. Rodrigues de Gusmão.

(1) Noticia Succinta dos Monumentos da Lingua Latina, etc. — Parte 2.ª § 375, pag 360.

(2) No tomo 10.º da *Revista Litteraria* do Porto pag. 100 demos uma resumida noticia da vida e escriptos do Sr. José Vicente.

(3) É a confecção de um Diccionario da Lingua Grega, no qual serve de texto a edição de Hederico de Leipsik de 1796, augmentada porém cam muitos vocabulos, que nesta faltam, extrahidos de Diccionarios posteriores; e acompanhada de uma noticia dos auctores gregos, com a declaração das suas edições mais notaveis. Esperamos e confiamos, que esta obra: que se acha quasi concluida (em breve daremos noticia d'ella), e publicada, dirá mais de si e do seu principal auctor, do que todos os elogios, que houverem de se lhe fazer.

MARINO FALIERO. *

TRAGEDIA DE MR. CASIMIR DELAVIGNE.

TRADUZIDA EM VERSOS PORTUGUEZES.

POR

J. da S. Mendes Leal Junior.

—

ACTO I.

A Camara do Doge.

SCENA IV.

FALIERO, FERNANDO.

499 FALIERO.

Ai! Fernando, foi ella que ultrajaram!

FERNANDO.

Helena!

FALIERO.

Não: — Fui eu!

FERNANDO.

Fostes!...

FALIERO.

Escuta;
E uma parte recebe d'este pezo,
Com que eu nem posso já. — Meu nome — o nosso!
Foi ha pouco afrontado — foi! — Manchou-m'o
Um d'esses vãos mancebos atrevidos,
A quem as nossas leis — que leis! — concedem,
No banco dos Quarenta, ocioso assento.

FERNANDO.

Que fez elle, Senhor?

FALIERO.

Não sei se o conte.
Era culpado; em publico lho disse,
E em rosto lho lancei; fui justo: — irou-se
E, audacioso, insolente, no meu throno
Atreveu-se a escrever... — Essas palavras...
Li-as eu! — leu-as ella! — todos leram!..
Esqueci-as!... não sei... — já me não lembram...
Mas o meu e o seu nome deshonravam!

FERNANDO.

E o covarde quem é? — quem é!...

* Vem do n.º 28.

FALIERO.

Procura
O que, entre os moços nobres, melhor sabe
Dez seculos manchar d'alta nobreza,
O que tem mais avós, e mais os vexa,
Has-de n'esse encontral-o — um ente nullo,
Cabeça leve, a quem destino cégo
N'um capricho, fez livre; mas embalde;
Que o débil coração ficou-lhe escravo;
Um que dizem valente entre os valentes
Porque um répto feliz lhe deu já fama!
Valente! — Seu valor bem pouco importa:
Quem é que hoje o não tem? — Não adivinhas?
Não vês n'este retrato... Sténo?

FERNANDO.

Sténo!...

FALIERO.

Se bem que, já quebrado pela edade,
A affronta — crê-me — não ficará impune...
Juncto a Sam João e Paulo eu sei d'um sitio
Deserto e accommodado, onde o meu braço,
Contra o seu braço, utilisar poderá
Algum dos dias que esperdiça inuteis.

FERNANDO.

Pois elle vive?!

FALIERO.

Vive! — E eu devo ainda
Aguardar a vingança! — Não; que a vida,
A propria minha vida expor não posso
Sem que elles mo consintam. — Privilegio,
Privilegio fatal! — Vive; que eu, hoje,
Tenho um sceptro na mão, em vez de espada!
(a Fernando que vae a partir precipitado)
Onde vaes?

FERNANDO.

Vingar-vos!

FALIERO.

Bem; Fernando!
É te honroso esse impulso: — bem; revivo:
Sam nossos brios — um Faliero encontro:
É meu sangue — sou eu. — Assim outr'ora,
Em caso tal, corrêra a voz paterna!
Mas a affronta foi publica; o desforço
Deve sel-o tambem. — Já, porventura,
Pelos Quarenta o vil foi condemnado.

FERNANDO.

Pois que! N'um tribunal, de que elle é membro,
É julgado o seu crime!

FALIERO.

Vê, d'est'arte,
Como é justa Veneza, e como sabe
Manter o jus de todos! — Foi preciso,
Foi preciso queixar-me aos orgulhosos,
Feros Avogadores. — Nos direitos
D'um dos Quarenta ouzar pôr mãos profanas!
Delicto de tal ordem, nem sonhal-o!
Mas do principe seu a atroz injuria
Isso que val? — Apenas lhe poem olhos... —
De Sténo a culpa vão julgar seus pares!

FERNANDO.

Se elles o poupam!...

FERNANDO.

Quem? — Poupal-o — o infame!
Elle — o traidor! — traidor ao juramento,
A Veneza, ao seu Doge, ao céu.... — Poupal-o!
Que disseste? — Ousariam... — Pois não sabes
Que sem vel-o abatido paz não tenho
Que do algoz o cutello açacalado
Não corta a seu sabor — é tardo — é lento
Em fazer-lhe pular nas rubras pedras
A insolente cabeça, a mão nefanda!

FERNANDO.

Mal haja!

FALIERO.

Do meu nome unico herdeiro,
Meu sobrinho, meu filho, attento escuta:
Conhece-me qual sou — lê na minha alma
Lê n'ella que ta mostro, aberta e franca!
A infamia d'estas cans é pouco ainda:
Outros golpes me vibra o negro insulto
Mil transportes, incógnitos, horrendos,
Como eu nunca senti!... — A chaga é funda:
Tenho pejo e receio de sondal-a...
Adivinha-a, tem dó — descobre-a, filho!
E intende o que um guerreiro, n'esta edade,
Um soldado, como eu — dizer não póde,
Nem mesmo a ti, sem que lhe córe o rosto.
Helena... — Oh! Santo Deus, será possivel?...
Se fosse verdadeiro quanto d'ella
Ouzaram de escrever!...
(Longa pausa — reflexivo)
Em vão lhe busco,
Entre os labios gentis, sorriso antigo!
Porque, apenas me encara, abaixa os olhos?
Porque evita o prazer? porque se esconde?
Porque até foge d'esse puro asilo
Onde prostrado, penitente, e absorto
Innocente se torna o proprio crime?...
Será tamanho o seu, e tão tremendo?!...
Enlouqueço!... — O passado já suspeito,
Já suspeito o presente, e tudo, e todos!...
Interrogo-lhe o pranto; e, se repousa,
Fitando-a ancioso, espero, a cada instante,
Ver no somno infiel trahil-a um sonho.
Ouvi-lhe até — ouvi-lho; não dormia!
Ouvi-lhe um nome a sussurrar nos labios!...

FERNANDO.

Deus meu!

FALIERO.

Não me accredites, não, Fernando,
Não creias nada..., — Sténo!.. — Nunca, nunca!..

É calumnia o que eu digo, Helena é pura.
Descer tanto, virtude tão subida!...
Nunca: é falso... — Eu que disse?...—Não me creias.
Não vi, não suspeitei, não disse nada!
Mas esse Sténo, o vil — que assim mentindo,
Meu socego roubou, torvou minh'alma
Manchal-a d'este modo! injurial-a!
Quebrar-lhe o coração! e tu fallaste
Em poderem poupal-o!... — não, que a morte
Fóra pouco ao traidor — não, que mil vidas
Se podéra perder, perdêra-as todas,
E, com perdel-as, não pagára ainda
Seu sangue a jorros meu tormento acerbo...
(Cahe n'uma cadeira. — Depois de longa pausa prosegue com impeto)
Homem, que é isso? — fraco, onde te arrasta
Um furor insensato?... — Quando, em Zara
Do irmão, que eu mais amava, soube a morte,
Domei a minha pena, e dei combate.
Fará menos o Doge que o soldado?
Devo o Estado attender, a patria o exige...
Assenta-te, Fernando — vou dictar-te...
(Fernando assenta se a uma mesa)
« Eu, Doge de Veneza, aos Florentinos. »
Escreveste?

FERNANDO.

Oh! meu Deus a mão vacilla!

FALIERO.

Vamos, socega, vamos...
(Preocupado)
Ha que tempo
Que andavam recolhendo os varios votos!
Como elles tardam!...

FERNANDO.

Prosegui.

FALIERO.

Que disse?
Não era « aos Genoveses? »

FERNANDO.

Vossa Alteza
Ao senado escrevia de Florença.

FALIERO, *agitado.*

Em vão quero fingir-me! não socégo...
Não posso, não... — Já cedo, já me dóbro...
Eil-os emfim: Respiro!

(Continúa.)

ARCHEOLOGIA.

PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS.

500 Em o n.º 44, do IV volume deste Jornal, publicamos o regimento que para a procissão do Corpo de Deus mandou fazer elrei D. João II (em 1490?), no qual se lê:

« E no meio da procissão virão todas as *mancebas de* « *partido* com os porteiros todos em uma dança com « seus gaiteiros »

Parece que estas e outras que taes profanidades que andavam introduzidas na procissão, prohibiu a piedosa e discreta rainha D. Catharina, com o que se descontentaram muito os da cidade do Porto, e tanto que mandaram um procurador á côrte para sollicitar a conservação de similhantes indecencias, segundo se colige do seguinte capitulo de uma carta regia, assignada pela dicta princeza, como regente do reino durante a menoridade de elrei D. Sebastião, dirigida á camara d'aquella cidade. Diz assim:

« Vereadores e procuradores da cidade do porto eu elRey vos emuyo muito saudar. Vy a carta q̃ me escreuestes em resposta da que vos mandey acerqua de se auerem de tirar alguns jogos e cousas q̃ se costuma yrem nas precições de Corpus Xpi e em outras q̃ essa cidade faz de q̃ parecia q̃ se podia seguir escandollo e se deuyam escusar e uy as rezões q̃ daes da maneira q̃ se nysso tem e de como se os ditos jogos fazem com muyta onestidade e acatamento do culto devino e ouuy o q̃ acerqua disso me disse da vossa parte bartolameu daraujo vosso procurador e quanto a averem de jr moças emfeytadas nas ditas precições parece escusado pela toruação q̃ farão aos Sacerdotes e Religiosos q̃ vão rezando e a outras pesoas e somente poderão jr aquellas q̃ representão Santa Caterina e Santa Crara e outras Santas e asy as pellas e os homes q̃ representão reis e emperadores e os mais jogos onestos e de q̃ se não sygua toruação nem escamdollo como se faz nesta cidade de Lixboa.

. . . . . .

Bastiam ramalho affez em Lixboa a Xiij de mayo de mil quinhentos Lxj. ffernão da costa o fez escrepuer. Raynha. »

Notamos que não depõe muito a favor da seriedade dos nossos antigos padres (seja dicto sem menoscabo) a rasão dada pela rainha nesta Carta regia, de que « não podiam ir na procissão donzellas enfeitadas, pela torvação (desassocego) que ellas fariam aos sacerdotes e religiosos » — quando estes lá levavam os seus livros de resa, e cantochão, donde não deviam tirar os olhos. E já n'outro documento que tambem possuimos, vemos que se prohibiu irem donzellas nas procissões de penitencia, por ellas se terem queixado de que « quando anoitecia, alguns padres e confrades as « apertavam, e lhes diziam aos ouvidos palavras de « pouca honestidade. »

Hoje que já não temos na procissão do Corpo de Deus estas folias, nem tão pouco os descantes, oiteiros, e arraial da vespera, como ainda se costumava no principio deste seculo, bom é que pela impressão vamos perpetuando estas memorias, para que de todo se não percam, como tantas outras que já não ha rastrea-as.

Silva Tullio.

NOTICIAS.

ESTATUAS DO THEATRO DE D. MARIA II.

501 Inauguraram-se as estatuas que faltavam para completar o *frontão* deste theatro.

Em alguma coisa tinha de ser portuguez aquella malfadada construcção.

O Sr. Assis, digno professor de esculptura da nossa Academia das bellas artes, alcançou nesta composição um triumpho para o seu elevado genio, e para a sua eximia pratica. Mais de espaço fallaremos tanto das estatuas como do baixo relevo e por essa occasião pagaremos um tributo devido a tão illustre escriptor.

MONETARIO DO SR. FAMIN.

502 Recebemos uma communicação do Sr. Tullio, em que nos partecipa o haver a bliotheca publica requerido ao Governo a compra desse valioso monetario, de que já fallámos, quando se annunciou a sua venda.

Juntamos os nossos votos aos de tão illustrado estabelecimento, para que mais essa preciosidade não saia do paiz, como tantas outras, que diariamente nos estam deixando a troco do oiro estrangeiro. Consta-nos que o Sr. Lamarão, actual possuidor do monetario, se presta a qualquer convenção com as mais favoraveis condições, para que a bibliotheca o possa possuir.

Dezejamos, que se aproveitem estas boas disposições, e ficamos esperando anciosos o resultado, que possa ter o requerimento, que a bibliotheca publica dirigiu ao Governo.

FACTO EM FAVOR DO ARTIGO ÁCERCA DAS CASAS MORTUARIAS.

503 Quando publicámos, em o numero anterior, o mui util artigo do Sr. Figaniére, ácerca das casas mortuarias, recebiamos ao mesmo tempo varias communicações, relativas a um facto, que, pela sua gravidade, nos obriga a ter a maior reserva nas particularidades que nos contaram.

O facto de que se tracta é mais um documento contra o *enterro prematuro*.

Havia na rua dos Capellistas um suisso, que ahi tinha estabelecido ha muito tempo uma confeitaria. Não tinha familia em Lisboa. Ha dias os visinhos souberam da sua morte pelo enterro, pois que só dois dias tinha estado doente, e com symptomas de quasi nenhuma gravidade. Correram logo varios boatos sobre esta morte subita, os quaes tem continuado a circular.

Parece que o medico, que uma vez só o visitára, se recusou a certificar a morte, e que nas declarações feitas, a este respeito, houveram contradições manifestas. Em todo o caso deram o homem como morto, em a noite de um dia, e logo na manhã do seguinte o enterraram. A precipitação dos enterros começa a ser tão usada, que a imprensa deve discutir os alvitres, que se appresentarem, para evitar esses espantosos assassinios, como acertadamente lhes chama o Sr. Dr. Sousa Vaz.

Sobre o facto apenas nos limitamos a chamar a attenção das auctoridades, pois que, apezar d'esse homem ser um estrangeiro sem familia, a justiça não póde ser indifferente até á existencia de uma suspeita.

Não asseveramos nem impugnamos nada, mas fazemos publico o que nos communicaram.

PRAÇA DE LISBOA.

21 DE JUNHO.

504 Fundos publicos de 5 por cento — 47 a 48 por cento. Acções do Banco de Portugal 360$000 rs. Acções sobre o fundo de amortisação — 52 a 53 por cento. Os mais papeis de credito conservam os preços cotados em os n.os anteriores. — Desconto de Notas 53 a 54 por cento.

FORGET ME NOT.

505 Com este titulo publicou M. Charles Poisot uma linda peçasita de musica, em Paris, que está sendo devidamente apreciada não só pelos amadores, como pelo publico em geral.

Se peças como esta não levam o nome de seu auctor á posteridade, tem a vantagem de lhe grangear popularidade por entre o povo.

Grande serviço fariam aos povos os governos, se todos os annos fizessem publicar pelos professores das suas academias de musica, ou dos seus conservatorios peças que se tornassem populares, e na qual a poesia contribuisse para a boa moral das classes inferiores.

Com uma pequenissima despeza, ou mesmo sem ella far-se-hia um grande serviço á moralidade publica.

Todos os dias rapazes sem educação escandalisam as pessoas decentes com as suas cantigas. Se essas cantigas com que o baixo povo tanto se apraz, fossem substituidas por outras que não escandalisassem os bons costumes, tinha se feito um grande seaviço ao estado. Moralisar o povo por todos os modos, devêra ser o alvo constante a que tendessem os esforços dos governos, não ha coisa, por mais insignificante que pareça, que bem aproveitada não possa contribuir para este util fim.

Impôr castigos para estes delictos, não basta, porque quasi sempre o povo zomba delles illudindo-os, pela difficuldade que ha em tomar á mão o delinquente. A tendencia, que o nosso povo tem para a musica, devia ser aproveitada, concorrendo para a sua moralidade.

Se escrevemos aqui estas linhas fomos levados a isso, annunciando o lindo romance de Mr. Charles Poisot.

**

UMA SAUDADE FUNEBRE.

La mort aime à poser sa main lourde et glacée
Sur des fronts couronnés de roses.

Lamartine.

506 Não só o dever de amigo, mas a consciencia de portuguez me obriga a escrever estas poucas palavras — testimunho de uma dor que sinto não poder expressar — por uma perda, que sae dos limites da saudade de parentes e amigos, para dever interessar todos aquelles, que veneram nas qualidades elevadas da intelligencia e do coração, o *unico* direito ás distincções sociaes e á consideração publica.

O Sr. Joaquim Guilherme de Sousa, capitão graduado de artilheria e lente substituto da Eschóla naval, foi dado hontem á sepultura com as honras devidas á sua graduação. — Apóz uma longa enfermidade de dois annos e meio de duração, sucumbiu a 19 do corrente a uma inflammação cerebral ultima face dos seus diuturnos padecimentos. Tinha completado 31 annos e oito dias de edade.

O Sr. Joaquim Guilherme de Sousa tinha frequentado o curso das Eschólas Polytechnica e do Exercito, com a maxima distincção. No estudo das sciencias exactas

em que a notavel proficiencia é só partilha das intelligencias de excepção, deixou elle na memoria de professores e de condiscipulos, uma destas reputações, que só o intervallo de annos póde renovar. — N'um paiz em que o culto da gloria scientifica não fosse, como entre nós, um meio seguro de empobrecimento, poderia o illustre finado dedicando se exclusiva e seguidamente aos estudos de sua predilecção, alcançar nome, mesmo fóra do seu paiz, agregando-se com os seus esforços ás intelligencias privilegiadas a que compete a ardua tarefa de dilatar o dominio dos conhecimentos humanos.

Mas destituido de fortuna, obrigado a adoptar uma carreira em que podesse quanto antes obter meios de auxiliar a subsistencia de uma numerosa familia, o Sr. Joaquim Guilherme teve forçadamente de interromper por muitos annos o estudo das sciencias mathematicas, — voltando de novo ao seu gremio em 1844, quando a instancias de professores, que tanto conheciam o seu merito, resolveu oppor-se á substituição das cadeiras de mathematica na Eschóla Polytechnica. — Mas dahi data o perdimento de uma saude anteriormente robusta. — Os esforços violentos, que então fez, causaram-lhe um padecimento agudo, não desistindo apezar de profundamente enfermo de se apresentar ás difficeis provas de um concurso. — A maneira como as desempenhou se fôr avaliada em presença do conhecimento perfeito da situação physica, em que o candidato estava, fórma o elogio devido ao seu pundonor corajoso e á sua intelligencia superior.

Nessa occasião póde dizer-se — o Sr. Joaquim Guilherme fez, em honra da sciencia, um sacrificio enorme, um sacrificio mortal.

Se se tivesse contentado com uma existencia rotineira; se se deixasse indolentemente subir pela acção do tempo na escala do accesso — viviria ainda hoje, viviria muito. — A mediocridade é hygienica, a ignorancia é macróbia.

Grande como era o merito intellectual do illustre defuncto, mais admiravel ainda (não hesito em escrevel-o) era a superioridade das suas qualidades moraes. O culto religioso dos mais rigidos deveres de um character, que se fazia notar como um anachronismo, e como um *estrangeirismo;* eis o elogio do meu amigo — elogio sentido como uma verdade singela, cuja confirmação prescindo de procurar n'uma saudade conscienciosa, e cheio de confiança vou invocal-a ao testimunho publico dos amigos e conhecidos do meu dignissimo collega.

N'um paiz em que mais de uma vez temos visto nestes ultimos tempos — o talento fazer-se infame, para medrar em honras, e em interesses, concentra-se naturalmente a admiração das almas puras, em torno desses poucos individuos, que reunem em si uma intelligencia elevada, e um character excepcional.

O Sr. Joaquim Guilherme serviu com rara distincção o seu paiz; morreu; e sua desditosa e respeitavel familia teve de sollicitar a generosidade de seus amigos para poder satisfazer as despezas do funeral!

Possam estas linhas — em que, á saudade de um presadissimo amigo defuncto se junta o dissabor de vêr moribundo tudo quanto faz a grandeza, e a gloria de um paiz — significar não só a dôr de uma perda do coração, como tambem um protesto solemne contra — a parte das miserias, e desgraças que soffremos — que depende só da vontade dos homens.....

Lisboa 21 de junho de 1848...

Daniel Augusto da Silva.

NOVO THEATRO LYRICO.

507 Londres vae ter outro theatro italiano. Ao *theatro real*, e ao de *Covent Garden*, vae se juntar outro que se edificará em Drury-Lane.

Os ricaços inglezes atacados do spleen vão para a Italia; e os melhores musicos italianos cobiçosos do ganho vem para a Inglaterra. A alegria e a tristeza trocam-se. Se a Italia ganha umas poucas de libras, a Inglaterra não deixa por isso de ser triste.

MODO ENGENHOSO DE FAZER BEM.

508 Entre os autógraphos da ultima venda de M. Stoheby se encontrou um do celebre FRANKLIN. Era uma carta dirigida a M. Benjamin Webb, datada de 22 de abril de 1784, de Passy.

Eis o seu conteudo:

« Com esta vos envio uma nota de dez luizes de oi-
« ro. Não tenho a pretenção de vos offerecer muito:
« esta quantia é unicamente emprestada. Quando vol-
« tardes á vossa patria, não duvido de que emprehen-
« daes alguns trabalhos que vos colloquem em estado
« de pagar as vossas dividas. Quando isto aconteça,
« se encontrardes um homem honrado e com precisão;
« pagar me-heis a minha divida, entregando-lhe esta
« quantia com a condição de que a dará a outro ho-
« mem honrado, e com a mesma clausula de a passar
« a outro logo que possa. Tenho a esperança de que
« por este modo, este dinheiro correrá muitas mãos,
« antes de chegar ao poder de algum villão que a não
« passe a outrem. Isto é um modo engenhoso de fazer
« bem a muita gente com pouco dinheiro. Como não sou
« rico para fazer o bem que desejo, é me preciso em-
« pregar estratagemas para do pouco que possuo tirar
« o maior partido possivel »

PRODUCÇÃO DAS MINAS DE PRATA NO MEXICO.

509 O producto das minas de prata do Mexico é avaliado em perto de 120 milhões de francos, que equivalem a 48 milhões de cruzados. Está calculado, que todo o dinheiro, que tem sido amoedado no palacio da moeda no Mexico, desde o seu descobrimento, monta a espantosa somma de 4.800 milhões de cruzados!!

GRANDE PERDA PARA A NOSSA LITTERATURA.

510 Tivemos a mais profunda mágoa ao constarnos, que, pela segunda vez, se extraviou o precioso thesouro litterario, que com tanto amor e trabalho tem andado a juntar por muito tempo o talento brilhante, e atorado estudo do Sr. Antonio Feliciano de Castilho.

Uma simples lista, do que se julga perdido, basta para se fazer idéa do quanto a perda será consideravel, se, por desventura nossa, se realisar.

Entre os papeis do Sr. Castilho, não se encontram:

A continuação das perigrinas traducções das *Metamorphoses* e dos *Amores de Ovidio*.

Uma tragedia original, intitulada — *Cánace.* —

Traducções de algumas *tragedias de Ducis e Monti.*

Um *conto persico*, intitulado *Usbeck*, que ainda não estava concluido.

Um poema denominado *Leandro e Hero* e mais producções litterarias, de que nem o seu proprio auctor se lembra.

Não queremos perder a esperança de que este thesouro se encontre, e communicaremos aos leitores qualquer noticia que, a este respeito, nos conste.

NOTICIAS COMMERCIAES DO BRASIL.

511 Cartas de 29 de Abril, recebidas quando a de que fallamos no *expediente*, dão conta da profunda sensação, que n'aquelle imperio causaram os acontecimentos de França. O commercio soffreu logo uma quebra avultada nos seus interesses As apolices do Governo de 1:000$000 de réis que estavam a 890$000 réis, e se esperava chegassem ao par, desceram rapidamente a 800$000 réis, valor nominal, pois que havia muitas para vender e não apareciam compradores. Uma casa de primeira ordem, Ignacio Ratton patenteou um alcance de 1:300 contos de réis, e chamou os credores, pedindo a espera de cinco annos que marca a lei, para pagar as suas lettras e encargos. Houve uma estagnação rapida no mercado dos caffés, ramo mais importante do commercio da praça do Rio de Janeiro, o que ainda veio aggravar a situação.

Parecia recear-se, que fosse alterada a tranquilidade publica em Pernambuco e no Maranhão.

Do Rio tinham saido uma fragata e uma corveta com destino para essas provincias. Levavam tropa.

Não ha força, que resista á desconfiança, nem milagre que a confiança não faça.

Os receios de qualquer desordem augmentavam pela fatal differença das côres.

Os laços, que unem o nosso commercio ao daquelle imperio, nos fazem desejar com anciedade noticias posteriores ás que estamos dando.

EXERCICIOS GYMNASTICOS DO SR. LEES E SEUS FILHOS.

512 Quando o Sr. *Lees* e seus filhos se apresentaram no Theatro de S. Carlos, não julgámos dever dizer nada sobre este espectaculo, porque, apezar de perfeitissimo no seu genero, não o julgavámos proprio daquelle theatro. Não diremos que deve servir de precedente para o primeiro theatro nacional, e até nos parece, que a sociedade dos artistas merece muito louvor, por não ter por mais vezes lançado mão de meios similhantes na apurada situação em que se tem visto. Apezar de tudo é de justiça confessar, que os exercicios do Sr. *Lees* e seus filhos são muito perfeitos e elegantes. A pericia destes gymnasticos faz esquecer o perigo, em que andam os lindos filhos do Sr. *Lees*. Foram todos muito applaudidos no beneficio que ultimamente fizeram no Theatro de D. Maria II.

THEATRO DE D. MARIA II.

NECESSIDADE DE PROMPTO AUXILIO.

513 Não temos a queixar-nos de que os nossos alvitres e as nossas observações tenham, em geral, deixado de ser attendidos. Pelo que val, pelo que significa a imprensa, dirigida sem odios e com intenções puras, folgâmos em poder registar este facto, que hoje nos anima, para chamarmos a attenção do Governo sobre o malfadado Theatro Nacional. Sem prejudicarmos as reflexões contidas em outro artigo, que ainda hoje se não publica, por falta de espaço, chegaremos de prompto ao ponto em que desejamos fallar.

Desde outubro do anno passado, em que o theatro devia ter recebido 500$000 rs. cada mez, apenas tem recebido ao todo 700$000 rs., e isto com muito trabalho, e á custa de muitas diligencias. Ora, na estação em que estamos, em quanto o bem fadado do italiano, esse filho querido, tão ingrato aos sacrificios que por elle fazem, não abre as suas portas, o Theatro Nacional precisava fazer um grande esforço, para sahir do abatimento em que tem estado. Duas coisas eram mister para isto — um drama que maravilhasse pelo pensamento, pela fórma, pelos accessorios do canto e da dança, e pela riqueza das *scenas;* e juntamente os meios de poder appresentar ao publico um espectaculo grandioso.

A primeira d'estas condições está cumprida. O Sr. Mendes Leal compondo o drama biblico — o Templo de Salomão — satisfez tudo quanto sobre o ponto se podia exigir.

É uma composição portentosa, tão bella, tão sublime, que só depois de termos a satisfação de a ouvir ler, é que podémos imaginar os encantos da arte e do estudo, que em toda ella admirámos.

Os meios dependem do Governo. Consta-nos que a Direcção já sollicitára do Sr. Ministro do Reino, a protecção, que de prompto precisa, pedindo que se lhe mande pagar parte do que se lhe deve. Para a despeza avultada, que tem que fazer, requisita bem pouco do que por dever lhe pertence.

Confiamos em que o Sr. Duque de Saldanha, attendendo os actores, que por tantos titulos merecem consideração e auxilio, dará uma nova prova da illustração que todos lhe reconhecem.

CONCURSO NA ESCHOLA POLYTECHNICA.

514 Andam asiagos os concursos desta Eschola.

Ainda por esta vez, ficam vagas as duas substituições de Mathematica. Não se atina com a causa disto.

Na votação de preferencia o Sr. João Braz de Oliveira ficou empatado com o Sr. Horta. Desempatou a favor do primeiro o presidente interino o Sr. Castello-branco.

Na votação do merito absoluto, ficou excluido o Sr. João Braz de Oliveira por ter contra quatro votos. O resultado da votação não prejudica os bons creditos dos Srs. João Braz, e Horta.

Para a substituição da Cadeira de Zoologia ficou o Sr. José Vicente Barbosa du Bocage.

O Sr. Tavares deu provas incontestaveis de seu muito estudo.

ERRATA.

No artigo *Casas Mortuarias*, pag. 327, do ultimo n.º da REVISTA, col. 1.ª lin. 23. onde diz — tirarem-lhe *lea-se* tirarem-lhes; — lin. 30 — da qual — do qual; — lin. 35 — teem — tem; — col. 2.ª lin. 3 — dispostos — dispostas; — lin. 4 — onde habite — onde habita; — lin. 19 — do amnibus — dos omnibus.

A pag. 332 — col. 1.ª, — lin. 42 — onde está 27 de junho — deve ser — 7 de junho.